

DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

O patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963)

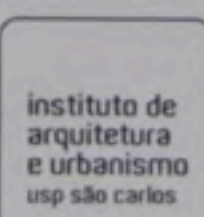
A produção de equipamentos públicos a partir do PAGE configurava-se como um dos momentos mais ricos do Modernismo Brasileiro. Trazendo para o primeiro plano a questão social, as obras implantadas pelo PAGE, valendo-se da hegemonia já alcançada pela Arquitetura Moderna nos anos 1950, incrementaram o desenvolvimento da linguagem, das soluções e tipos modernos, não se limitando à repetição de concepções e formas consagradas e estabelecidas.

A pesquisa, que informa essa exposição, teve como escopo o inventário e a análise dessa produção. Discorrendo sobre as obras, Plínio de Arruda Sampaio, chefe de Gabinete do governador, afirmou que os “projetos padrão” desenvolvidos pelo DOP não atendiam as qualidades pretendidas em termos de aproveitamento e funcionalidade. Sobretudo, não consentiam as

qualidades formais e simbólicas dos próprios públicos, que necessitavam amalgamar desenvolvimento material e modernismo social, e desta forma solicitavam a adoção da arquitetura que naquele momento já “fazia história”:

(...) era óbvio que tinha que ser moderno. Nem se discutia, era uma coisa de senso comum. Era tão hegemônica a ideia e eles todos eram ligados a isso, tinham acabado de sair da arquitetura. Eram todos alunos do Artigas, desse pessoal “craque”(...). (SAMPAIO, 2007)

A pesquisa listou mais de 1.100 empreendimentos construídos, levantou 661 e inventariou com precisão 521. Uma pequena parcela está aqui apresentada, mesmo assim, como pode ser atestada, sua importância para os rumos da Arquitetura Moderna Brasileira é fundamental.



Projetos de equipamentos públicos anteriores ao PAGE

Até a instituição do PAGE o Departamento de Obras Públicas do Estado (DOP) projetava e implantava com raras exceções projetos padrão cuja extração era eclética, neocolonial e neoclássica. Os edifícios públicos paulistas até 1959, quando a hegemonia da Arquitetura Moderna Brasileira já era uma realidade e no curso das obras de Brasília, ainda exibiam uma linguagem, grosso modo, eclética.

Alguns projetos até a década de 1940 foram contratados junto a escritórios de arquitetura ou de engenharia. Esses projetos, também, possuíam uma orientação diversa, variando do eclético ao art-deco. Além do DOP, a Secretaria da Agricultura também projetava seus edifícios, como as Escolas Práticas de Agricultura, as Casas de Agricultura, Institutos e outros equipamentos, através da Divisão de Engenharia Rural-DEMA. Neste caso, a linguagem arquitetônica recorrente era a neocolonial.

As poucas obras modernas foram edificadas porque algumas Secretarias contrataram diretamente arquitetos modernos para seus projetos, ou ainda, foram fruto de casos específicos, como o Edifício "E1" da Escola de Engenharia de São Carlos projetado pelo Escritório Técnico da USP dirigido pelo arquiteto Hélio Duarte.

O descompasso entre o sucesso, a aceitação e a hegemonia da arquitetura moderna no país e a produção arquitetônica do Estado, ao final da década de 1950 não encontrava mais respaldo em nenhum agrupamento cultural, social ou político, o que está na base da mudança arquitetônica propiciada pelo PAGE. O dado mais intrigante é a permanência de uma arquitetura 'não moderna' até aquele momento, patrocinada pelo poder público, justamente, no Estado que simbolizava a modernização do país.



instituto de
arquitetura
e urbanismo
usp são carlos



Obras públicas anteriores ao PAGE

Projeto Faculdade de Filosofia Ciências e Letras,
Al. Glória, São Paulo, Arqto. Mário Watzky

APLAUDIU O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
O PLANO DE AÇÃO DE CARVALHO DE



Projetos de equipamentos públicos anteriores ao PAGE

Até a instituição do PAGE o Departamento de Obras Públicas do Estado (DOP) projetava e implantava com raras exceções projetos padrão cuja extração era eclética, neocolonial e neoclássica. Os edifícios públicos paulistas até 1959, quando a hegemonia da Arquitetura Moderna Brasileira já era uma realidade e no curso das obras de Brasília, ainda exibiam uma linguagem, grosso modo, eclética.

Alguns projetos até a década de 1940 foram contratados junto a escritórios de arquitetura ou de engenharia. Esses projetos, também, possuíam uma orientação diversa, variando do eclético ao art-deco. Além do DOP, a Secretaria da Agricultura também projetava seus edifícios, como as Escolas Práticas de Agricultura, as Casas de Agricultura, Institutos e outros equipamentos, através da Divisão de Engenharia Rural-DEMA. Neste caso, a linguagem arquitetônica recorrente era a neocolonial.

As poucas obras modernas foram edificadas porque algumas Secretarias contrataram diretamente arquitetos modernos para seus projetos, ou ainda, foram fruto de casos específicos, como o Edifício "E1" da Escola de Engenharia de São Carlos projetado pelo Escritório Técnico da USP dirigido pelo arquiteto Hélio Duarte.

O descompasso entre o sucesso, a aceitação e a hegemonia da arquitetura moderna no país e a produção arquitetônica do Estado, ao final da década de 1950 não encontrava mais respaldo em nenhum agrupamento cultural, social ou político, o que está na base da mudança arquitetônica propiciada pelo PAGE. O dado mais intrigante é a permanência de uma arquitetura 'não moderna' até aquele momento, patrocinada pelo poder público, justamente, no Estado que simbolizava a modernização do país.



DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

O patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963)

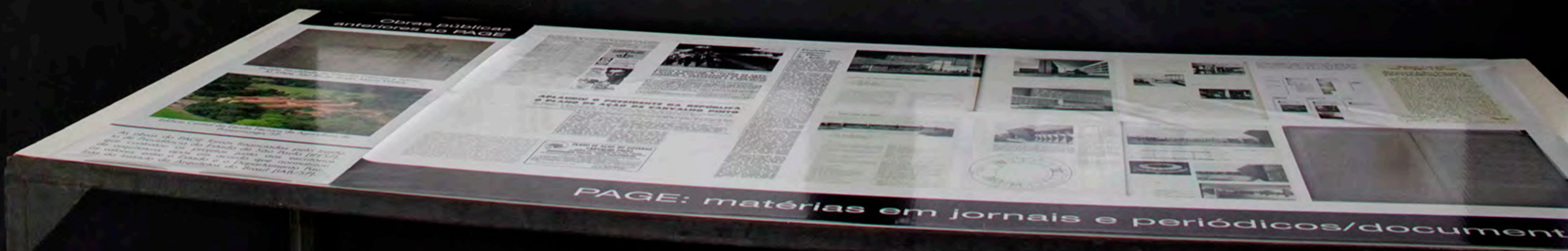
A produção de equipamentos públicos a partir do PAGE configurava-se como um dos momentos mais ricos do Modernismo Brasileiro. Trazendo para o primeiro plano a questão social, as obras implantadas pelo PAGE, valendo-se da hegemonia já alcançada pela Arquitetura Moderna nos anos 1950, incrementaram o desenvolvimento da linguagem, das soluções e tipos modernos, não se limitando à repetição de concepções e formas consagradas e estabelecidas.

A pesquisa, que informa essa exposição, teve como escopo o inventário e a análise dessa produção. Discorrendo sobre as obras, Plínio de Arruda Sampaio, chefe de Gabinete do governador, afirmou que os "projetos padrão" desenvolvidos pelo DOP não atendiam as qualidades pretendidas em termos de aproveitamento e funcionalidade. Sobretudo, não consentiam as

qualidades formais e simbólicas dos próprios públicos, que necessitavam amalgamar desenvolvimento material e modernismo social, e desta forma solicitavam a adoção da arquitetura que naquele momento já "fazia história":

(...) era óbvio que tinha que ser moderno. Nem se discutia, era uma coisa de senso comum. Era tão hegemônica a ideia e eles todos eram ligados a isso, tinham acabado de sair da arquitetura. Eram todos alunos do Artigas, desse pessoal "craque"(...). (SAMPAIO, 2007)

A pesquisa listou mais de 1.100 empreendimentos construídos, levantou 661 e inventariou com precisão 521. Uma pequena parcela está aqui apresentada, mesmo assim, como pode ser atestada, sua importância para os rumos da Arquitetura Moderna Brasileira é fundamental.



A PRIMEIRA LINHA
ABRIR O ABISMO

VERDADEIRA SUBVERSÃO NA ARTE DE GOVERNAR

SOCIAL E HUMANO, O "PLANO DE AÇÃO" É MAIS QUE UM PROGRAMA DE CADERNIA O PROGRESSO E O BEM-ESTAR

VERDADEIRA SUBVERSÃO NA ARTE DE GOVERNAR

Prefeitos criticam o Plano de Ação

Os prefeitos de São Paulo, São João del-Rei, Sorocaba e Ribeirão Preto, em uma reunião realizada em São Paulo, criticaram o Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo, lançado pelo governador Carvalho Pinto.

Os prefeitos afirmaram que o plano não leva em consideração as necessidades locais e que é apenas uma declaração de intenções sem caráter concreto.

HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL

Projeto arquitetônico para o Hospital do Servidor Público Estadual, mostrando a planta geral e detalhes das alas.

HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL

Foto do Hospital do Servidor Público Estadual, mostrando a fachada e o entorno.

HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL

Conjunto de desenhos arquitetônicos e fotografias do Hospital do Servidor Público Estadual, incluindo plantas e perspectivas.

HOSPITAL DO SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL

Conjunto de desenhos arquitetônicos e fotografias do Hospital do Servidor Público Estadual, incluindo plantas e perspectivas.

Quinze dias de luta pela
Constituinte de São Paulo

Relato de um período de luta política em São Paulo, mencionando a Assembleia Constituinte e as posições de diversos grupos.

DIU O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
O DE AÇÃO DE CARVALHO PINTO

Notícia sobre o Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo, destacando o papel do governador Carvalho Pinto.

Prefeitos criticam o Plano de Ação

Continuação da crítica dos prefeitos ao Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo.

Grupo escolar em Santos

Foto do Grupo Escolar em Santos, mostrando a fachada e o ambiente externo.

Grupo escolar em Santos

Desenhos arquitetônicos do Grupo Escolar em Santos, incluindo plantas e perspectivas.

Grupo escolar em Santos

Conjunto de desenhos arquitetônicos e fotografias do Grupo Escolar em Santos.

Quinze dias de luta pela
Constituinte de São Paulo

Continuação do relato sobre a Assembleia Constituinte em São Paulo.

Quinze dias de luta pela
Constituinte de São Paulo

Continuação do relato sobre a Assembleia Constituinte em São Paulo.

PLANO DE AÇÃO DO GOVERNO
CARVALHO PINTO
FUNDO PARA CONSTRUÇÃO DA CIDADE
UNIVERSITÁRIA ARMANDO DE SALES OLIVEIRA
ESIA PÚBLICA PARA EQUIPAMENTOS

Resumo dos principais pontos do Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo.

Prefeitos criticam o Plano de Ação

Resumo das críticas dos prefeitos ao Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo.

Grupo escolar em Santos

Desenhos arquitetônicos do Grupo Escolar em Santos.

Grupo escolar em Santos

Desenhos arquitetônicos do Grupo Escolar em Santos.

Grupo escolar em Santos

Conjunto de desenhos arquitetônicos e fotografias do Grupo Escolar em Santos.

Quinze dias de luta pela
Constituinte de São Paulo

Continuação do relato sobre a Assembleia Constituinte em São Paulo.

Quinze dias de luta pela
Constituinte de São Paulo

Continuação do relato sobre a Assembleia Constituinte em São Paulo.

PAGE: matérias em jornais e periódicos/documentos

DORA AKSENFELD JOEL RAMALHO JÚNIOR CARLOS BENVENUTO FONGARO PEDRO PAULO DE MELO SARAIVA WLADEMIR KLIASS
HOOVER AMÉRICO SAMPAIO JÚLIO ROBERTO KATINSKY GILBERTO JUNQUEIRA CALDAS
JOSÉ MARIA GANDOLFO FEITOR FERREIRA DE SOUZA DARIO MONTEANO HÉLIO DE QUEIROZ DUARTE ARI DE QUEIROZ BARROS JOÃO CARLOS BROSS
ARNALDO FURQUIM PADIELO RICARDO SIEVERS FÁBIO EDUARDO KOK DE SÁ MOREIRA
JOÃO FRANCISCO PORTILHO DE ANDRADE ADOLFO ORTEMBLAT FILHO ADOLFO ORTEMBLAT FILHO
JULIO JOSÉ FRANCO NEVES FERNANDO AUGUSTO SENNA ARANTES
JERÔNIMO ESTEVES BONILHA GIANCARLO GASPERINI
LUIS PORTO NETTO GILBERTO OTHONIEL TONI
ABELARDO GOMES DE ABREU CARLOS CASCALDI ROMEU THOMÉ DA SILVA ARIOSTO MILA
ROBERTO JOSÉ GOULART TIBAU CARLOS CASCALDI PAULO RENAN
LUIZ FERNANDES A. MORAES DÉCIO TOZZI LUIZ CONTRUCCI
JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS
NESTOR LINDERBERG PAULO EDUARDO MARTINS DE OLIVEIRA
ADOLPHO RUBIO MORALES NELSON A.M. MORSE
HENRIQUE SIGNORE SADOCCO LUIZ FORTE NETO
HIROHIKO SAWAO DÁCIO OTTONI
SILVÉNE S. VIEIRA NEGRÃO AYAKO NISHIKAWA
JOSE SILVESTRE VIANA EGREGA FABIO ARANTES S. AQUINO LEME RENATO ALESSANDRI
MOREIRA ANDRADE ALBERTO
JON ANDONI VERGARECHE MAITREJEAN
ADOLFO BATISTA VILANOVA ARTIGAS
LIDIA MARIA GONCALVES OLIVEIRA
FRANCISCO A. SARAIVA FARNIELE

WALTER S. KNEESE MARIO SIMONS BARBOSA DIALMA MACEDO SOARES SETSUO KANAMADA ARTHUR FAJARDO NETTO OTACILIO RODRIGUES LIMA
VICTOR REIF ZENON LOTUFO EDUARDO KNEESE DE MELLO RUBENS G. CARNEIRO VIANNA NEY DE CARVALHO MARCONDES HÉLIO PASTA
ELISÁRIO CUNHA BAHIANA JOÃO BATISTA ALVES XAVIER ERNESTO VARGA CARDOSO SÉRGIO TEPERMAN
EDUARDO CORONA JOÃO CLODOMIRO DE ABREU AFONSO EDUARDO REIDY
ROBERTO CLÁUDIO DOS SANTOS AFLALORITA OLMO ABRANHÃO SANOVIGZ MARIO ZOCCHIO ALFREDO PAESANI
ABELARDO DE SOUZA SLIOMAR SELTER RODOLPHO ORTEMBLAT FILHO JARBAS B. KARMIAN HELMUT HEIN ZILAN TEPEZINHA CASTRUCCHI TAMBARCO
JOSÉ LUIZ FLEURY DE OLIVEIRA ICARO DE CASTRO MELLO ROGER ZMEKHOL RODRIGUES DE LIMA ISRAEL GALMAN ARNALDO GROSTEIN
JAPARA MOTA LIMA RIBEIRO KURT HOLLANDER
OSCAR PANZOLDO TEOFILO CASTRO MELLO JOÃO WALTER TOSCANO LUCJAN KORNGOLD
MAURÍCIO TUCK SCHNEIDER MARCELO ACCIOLY FRALLI JORGE NOMURA
JORGES DE LIMA JARBAS B. KARMIAN
JOSÉ MARIA MONFORT OSWALDO ARTHUR BRATKE
HAMILTON M. DE CAMPOS MARC RUBIN JAGUANHARA DE TOLEDO RAMOS
RONALDO DUMANI BERNARDO JOSÉ CASTELO BRANCO LUCIO GRINOVER PAULO FLORIANO DE TOLEDO
RUBENS CEZAR MADUREIRA CARDIERI CARLOS BARJA MILLAN ROGER HENRI WAILER MAJER BOTKOWSKI
MARCOS MONLEVAR TOMANIK JANUSZ WŁODZIMIĘR WOJDOŚLAWSKI JORGE ZALSZUPIN
DAVID ARAUJO BENEDITO OTTONI OSWALDO CORREA GONÇALVES ROBERTO MONTEIRO GREGÓRIO ZOLKO
MIRANDA MARTINELLI MAGNOLLI PAULO RENAN NAMEDE MAURÍCIO NOGUEIRA LIMA LEO RIBEIRO DE MORAES
ROSA GREÑÁ KLIASS DANTE DE SOUZA PEREIRA AUTUORI JOSÉ ROBERTO MARTINS CARLOS ALBERTO CERQUEIRA LEMOS SAMUEL SPIEGUEL RUBENS MONTEIRO

Inventário das Obras do Plano de Ação

O inventário das obras e qualidades que...
...a formação de uma nova...
...a organização de um conjunto de obras...
...a organização de um conjunto de obras...
...a organização de um conjunto de obras...

Projetos públicos - uso público

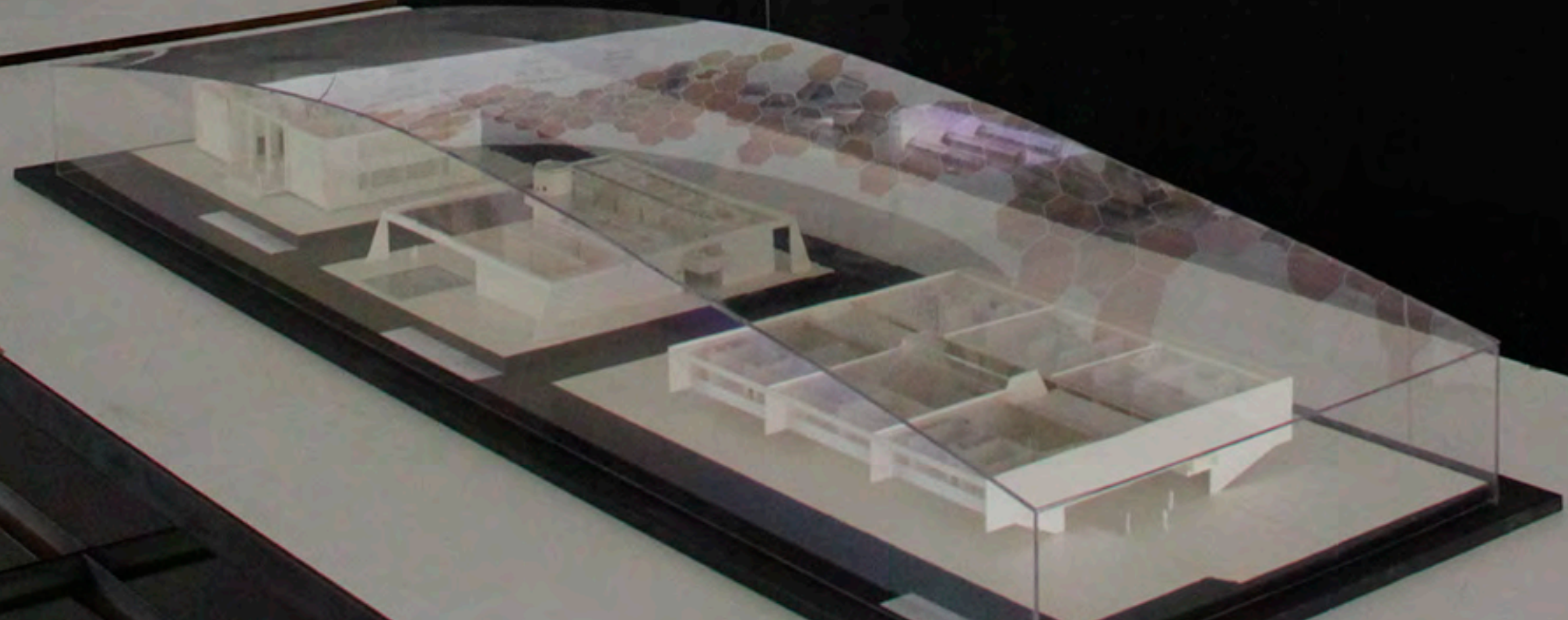
Para tanto, é necessário...
...a organização de um conjunto de obras...
...a organização de um conjunto de obras...
...a organização de um conjunto de obras...

FÓRUM DE ARARAS
RUBIO PENTADO, ARARAS - SP | 1988

FÓRUM DE AVARÉ
RUBIO PENTADO, AVARÉ - SP | 1982

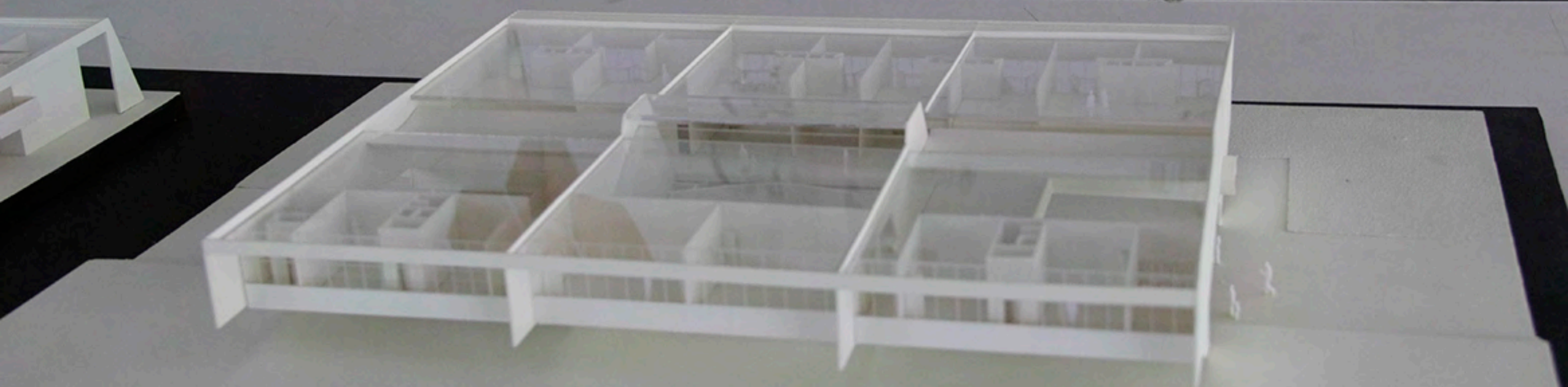
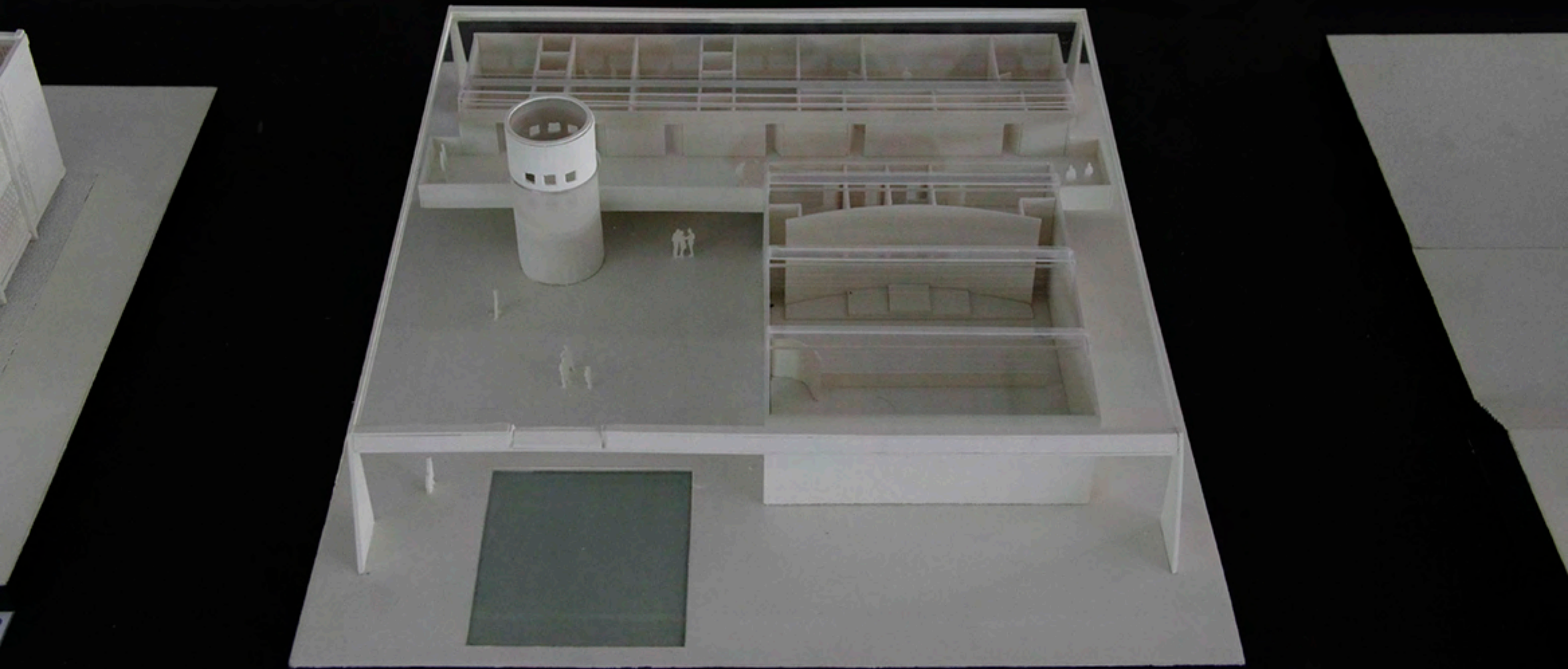
FÓRUM DE ITAPIRA
JOAQUIM GUEDES, ITAPIRA - SP | 1959

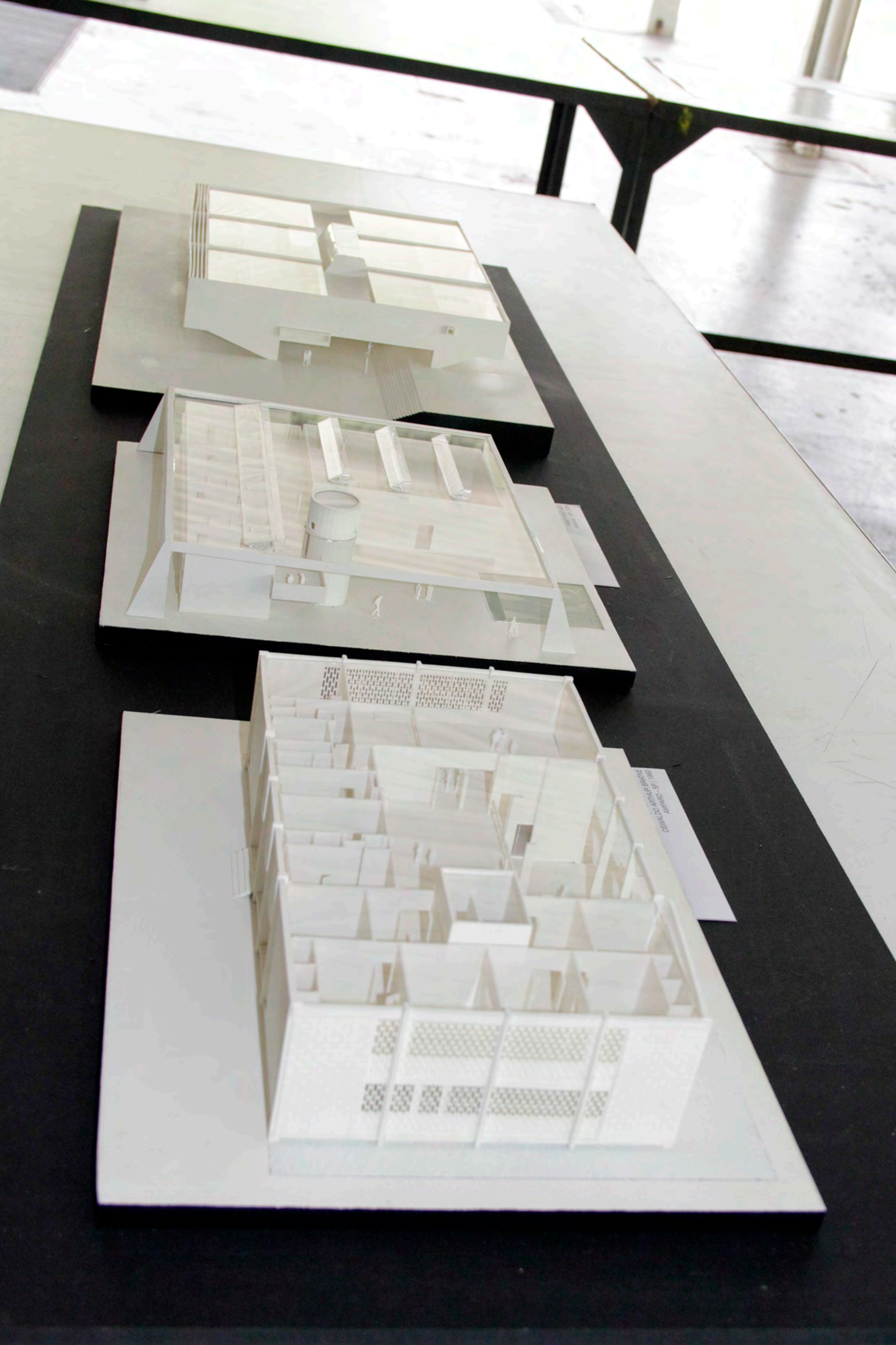
CASA DA LAVOURA
EDUARDO M. DE MENDONÇA, BIRIGUI - SP

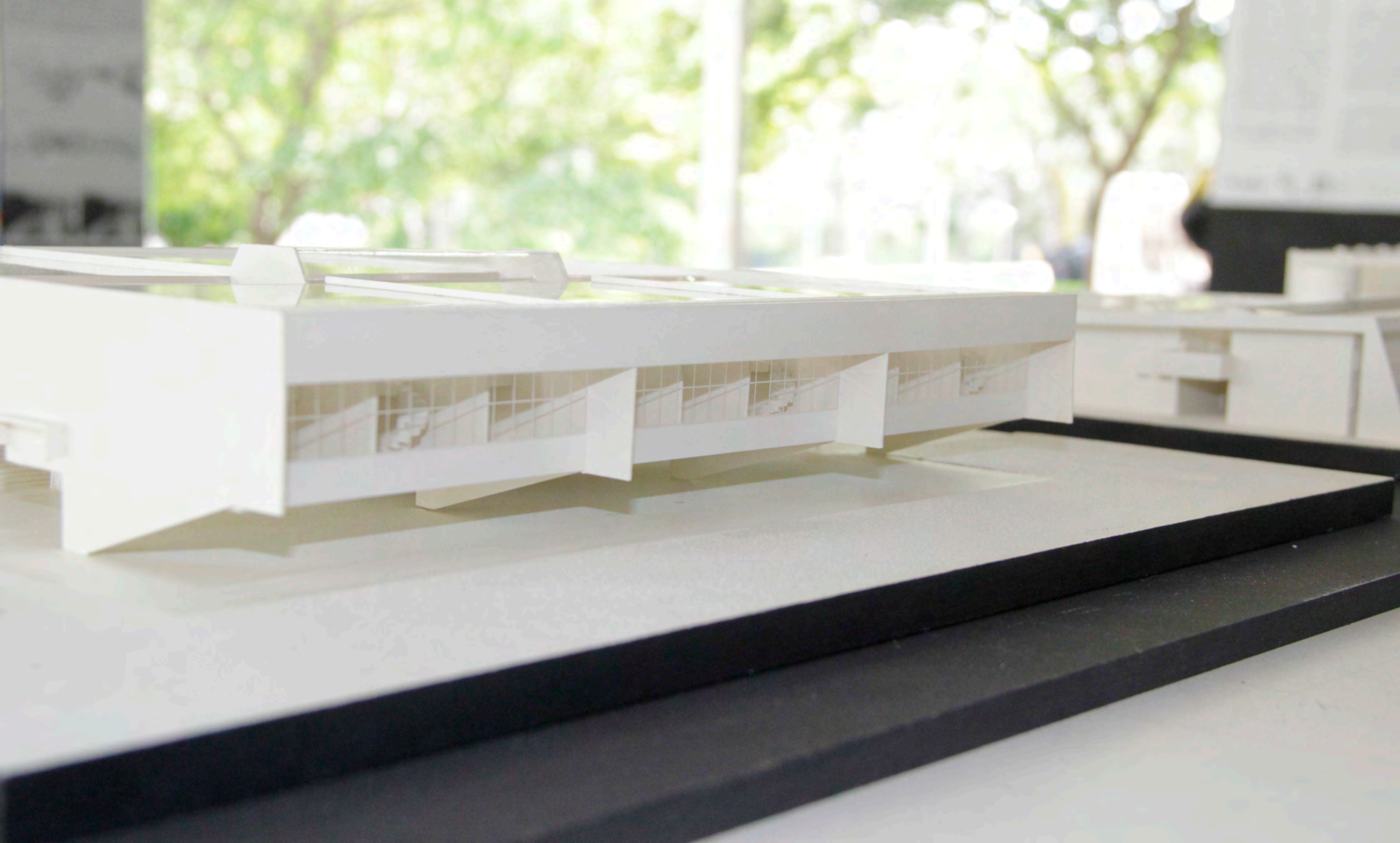








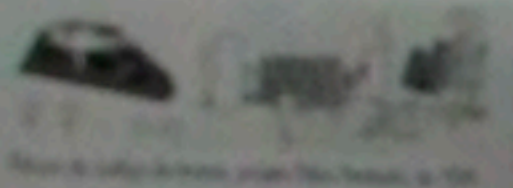




O que é um fórum? Não pode ser a
história antiga, etc. A ser a história
aproximando da realidade, sobretudo a
quem que de se desde? Um fórum é
em quinta mão habitante. Também é um
querer um fórum e não um prédio
assim que a decisão que a não seja um
padrão dentro daquela letra dos países, de
comando não são de modo. Um prédio
tudo é acomodado no terreno, conforme
o projeto, desde uma escala, com pe-
to de água na entrada se para uma escala
de água do passo, pedindo que se pro-
ximem se designe. (...) O cidadão comum se
se aproxima se tem dúvida, se tem medo,
é anfitrião. No ponto de vista, pede um
um cidadão que é parte que pode ter-
de e ele pode não fazer nada, mas não se
movendo, se movendo pelo princípio de
se autoridade. PENTACIO 2007.

Um fórum é um espaço de encontro, de
diálogo, de troca, de interação, onde
se pode encontrar um espaço comum, se
está todo o espaço de diálogo. (...) Um
fórum que não é um espaço, é um
uma peça grande, não espaço. Um
está em processo de se um espaço
onde a forma de fazer, se para um
sobre a realidade, onde a realidade
deve se adaptar. PENTACIO 2007.

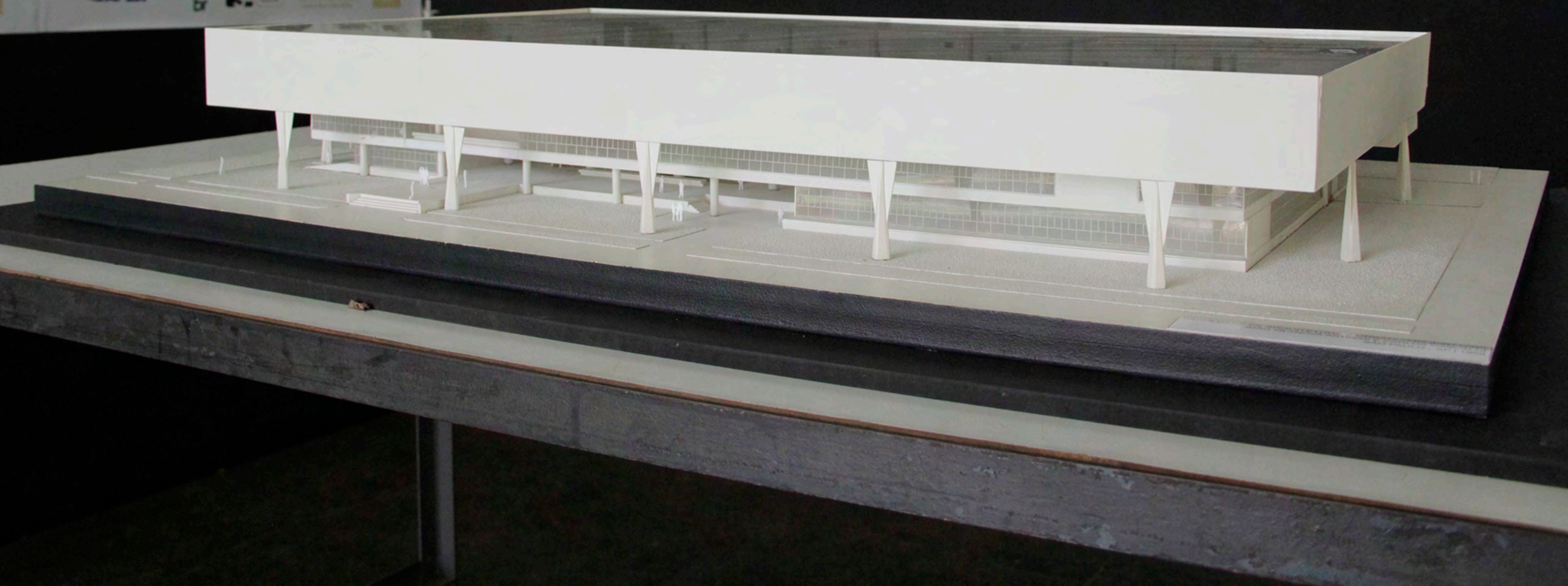
Um fórum é um espaço de encontro, de
diálogo, de troca, de interação, onde
se pode encontrar um espaço comum, se
está todo o espaço de diálogo. (...) Um
fórum que não é um espaço, é um
uma peça grande, não espaço. Um
está em processo de se um espaço
onde a forma de fazer, se para um
sobre a realidade, onde a realidade
deve se adaptar. PENTACIO 2007.



INCLUIÇÃO DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROF. JOÃO TEODORESCO
SÃO PAULO - SP | 1999

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
PROF. EDUARDO CORONA
SÃO PAULO - SP | 1991

EE PROF. JOÃO TEODORESCO
JOÃO VILANOVIA ARTIGAS E CARLOS CASCALDI
ITANHAEUM - SP | 1999





EE CONSELHEIRO CRISPINIANO - VILANOVA ARTIGAS | 1961 GUARULHOS-SP

A Escola Estadual Conselheiro Crispiniano, ou o Ginásio de Guarulhos como conhecido, de autoria de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, destaca-se dentre a extensa quantidade de projetos realizados pelo PÁGE devido à introdução de diversas ideias e ao aprofundamento de concepções adotadas em outros projetos, também referenciais, como o Ginásio de Itanhaém, projetado em 1959, que introduz, no âmbito de projetos de equipamentos públicos, a ideia de abrigo sob uma única cobertura, que integra o programa e importância da estrutura como definidora da forma arquitetônica. A escola de Guarulhos acrescenta a tais conquistas os "meios níveis e o espaço vazio central, ao redor do qual o programa se distribui. Esse espaço, introvertido e iluminado zenitalmente, é inaugural na arquitetura brasileira, e será um modelo para boa parte da arquitetura paulista desenvolvida na década de 1960" (VALENTIM, 2003, p.166), sendo o edifício da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo (FAUUSP) talvez o maior representante dessa produção que viria a ser denominada Escola Paulista.

O projeto em questão também ensaia uma forma outra de produção de cidade: escolas que se propõem como espaços públicos, como projetos urbanos, como uma grande praça ao redor da qual a cidade realiza suas atividades cotidianas. Restituise, em um espaço interno e também íntimo para os que dele usufruem, um caráter público, porém conservando um peculiar sentido de interioridade: político, associado à função social da arquitetura, e urbana, ao assumir a arquitetura enquanto forma urbana (KAMITA, 2000, p.14), por meio de uma cobertura única que encerra "um pequeno universo, a própria recriação da cidade enquanto espaço projetado e construído" (BUZZAR, 2014, p.35), a cidade abreviada no edifício.



INTERPRETAÇÕES: A ESCOLA E OS ALUNOS EE CONSELHEIRO CRISPINIANO

Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os utilizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (JACQUES, 2008).

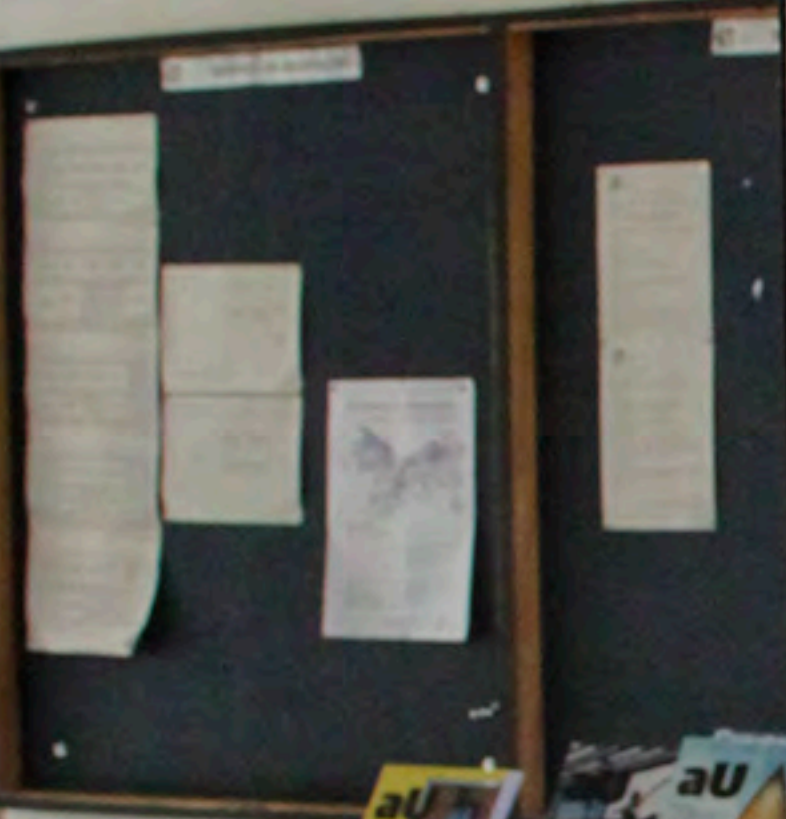
O PÁGE representou um momento de especial importância na consolidação e difusão da arquitetura moderna no Brasil. Porém, ao deslocar o foco do objeto arquitetônico em si, para os sujeitos que os habitam e os reconstruem segundo novos significados, reconstruem-se as relações sociais e a apropriação corporal. Dessa forma, observa-se a arquitetura enquanto processo de construção de sujeitos, não expresso apenas nos projetos originais, mas em sua vivência cotidiana, reinventada pelos usuários em momentos distintos. Dessa forma, a fim de (re)analizar um dos projetos referenciais do período de estudo - a EE Conselheiro Crispiniano - realizaram-se atividades com os alunos da escola, através de percurso conjunto, do diálogo, entrevista e do desenho enquanto formas de expressão e representação de suas percepções espaciais, de suas impressões e experiências suscitadas pelo habitat cotidiano desse espaço de ensino.

A atividade foi desenvolvida de forma distinta com uma turma do 2º ano do ensino médio e alunos de três turmas do 6º ano do fundamental, embora ambas atividades conhecessem uma explicação sobre o que estava sendo proposto e seus objetivos de apreensão das impressões e formas de representação espaciais.

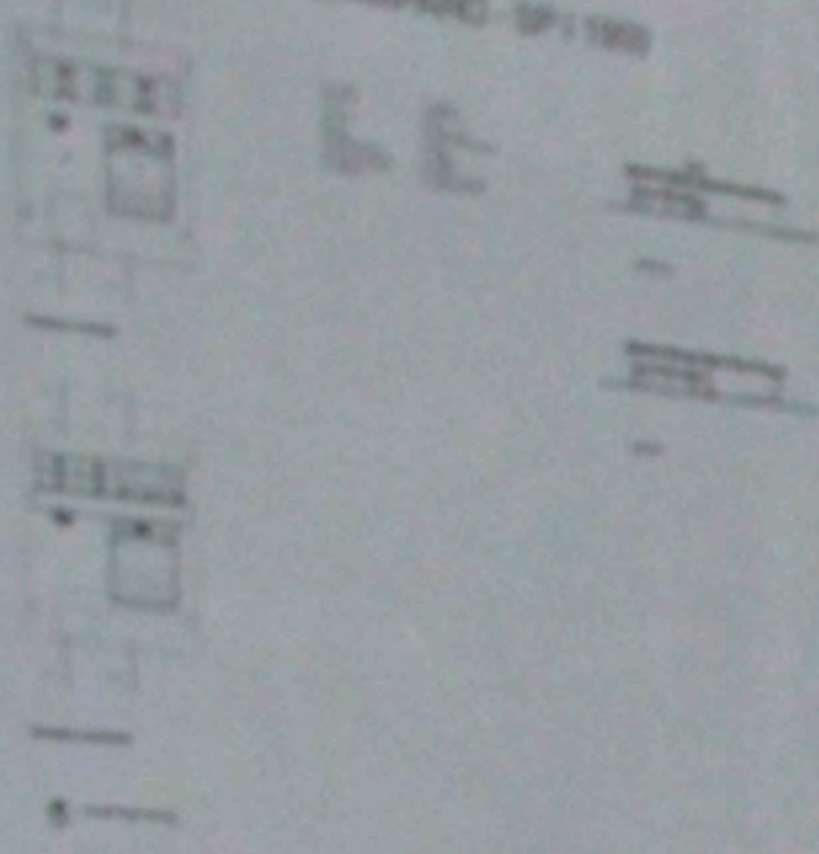
Na turma do ensino médio partiu-se da seleção proposta pelos alunos de 5 lugares que mais caracterizam a escola e de sua predileção, seguida de um percurso por tais lugares, ao longo do qual os alunos comentaram sobre os aspectos que os definem e as sensações que geram. Posteriormente, retornaram ao local que mais gostam na escola para desenhá-lo. Através dessa atividade observou-se, inicialmente, já na escolha dos lugares a importância dos espaços de sociabilidade, recreio e que possibilitam o desenvolvimento de atividades extracurriculares, tais como a praça, o pátio, a auditoria, as quadras e os espaços livres atrás das salas de aula e do bloco anexo. Entendidos os espaços livres, os alunos enfatizaram, dentre outras coisas, a qualidade espacial destes locais, os alunos enfatizaram, dentre outras coisas, a qualidade espacial destes locais, os alunos enfatizaram, dentre outras coisas, a qualidade espacial destes locais, os alunos enfatizaram, dentre outras coisas, a qualidade espacial destes locais.

Já os alunos do primeiro grau foram dispostos em três locais diferentes do pátio central, por turmas: próximo ao mural no lado das salas de aula, próximo aos bancos que servem de anteparo ao deslize e no nível superior, na circulação que separa o pátio do jardim interno. Foi solicitado que desenhassem o ambiente em que estavam, sob seu ponto de vista. Os desenhos expressaram como algumas questões arquitetônicas são percebidas, como a diferença de níveis que separa o espaço do recreio, do espaço das salas de aula; o ritmo da estrutura aparente e suas formas anguladas; a continuidade cromática; a compreensão dos variados níveis topográficos; a continuidade visual e de percurso entre jardim interno e pátio; a importância dos desenhos do mural; a permeabilidade visual entre interior e exterior e a importância dos elementos da natureza que circundam o edifício.

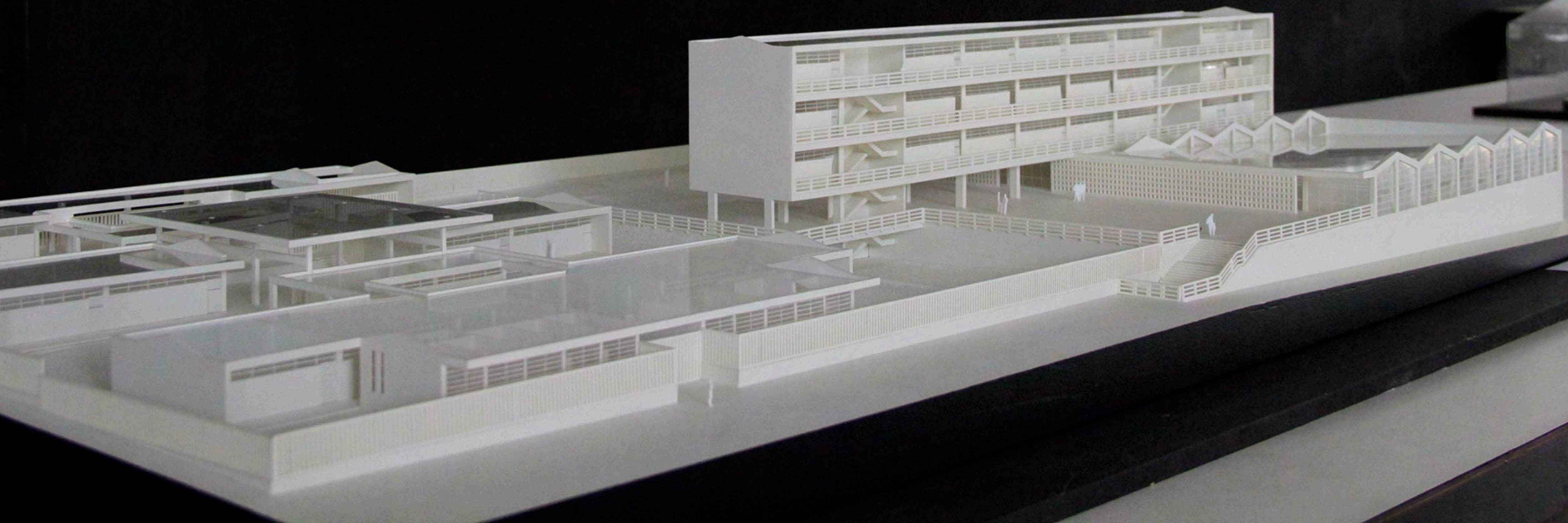
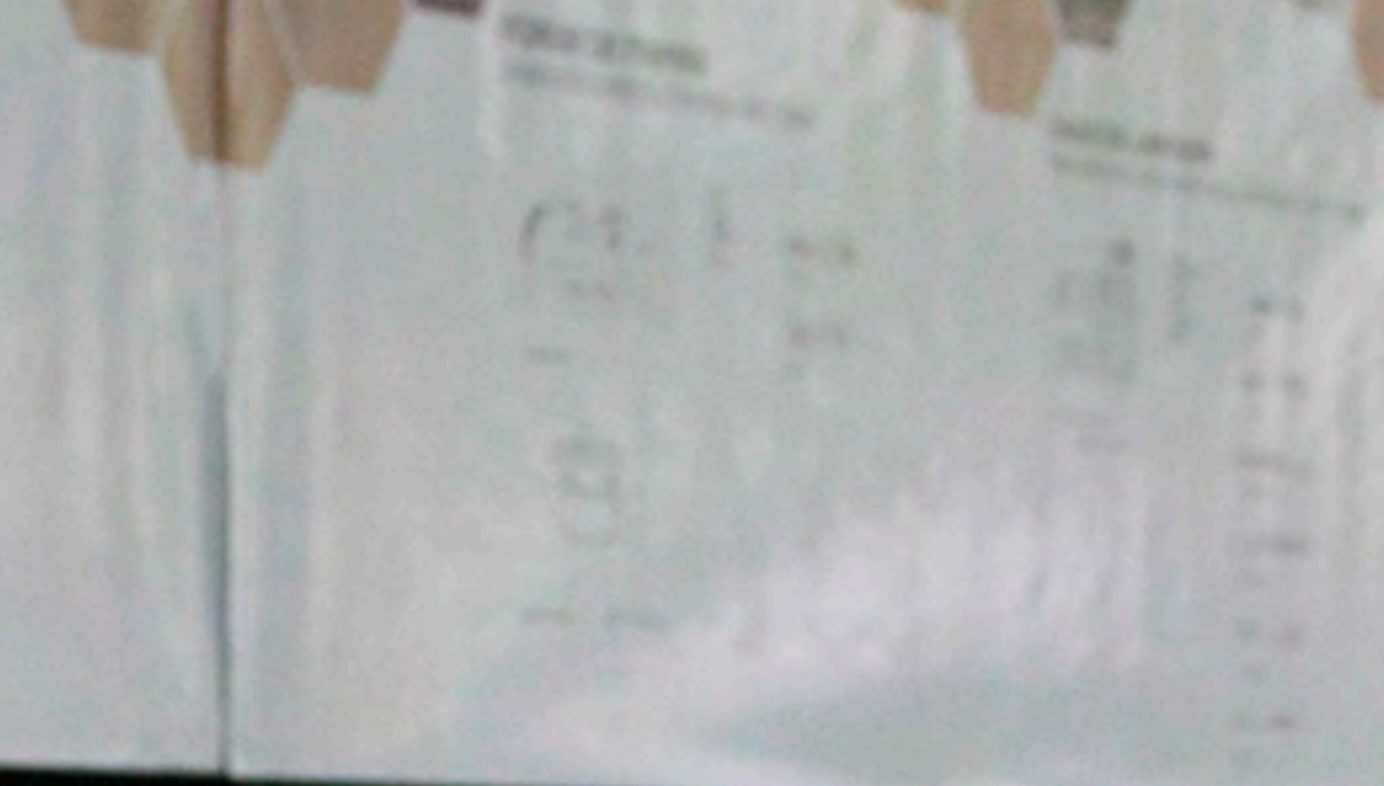
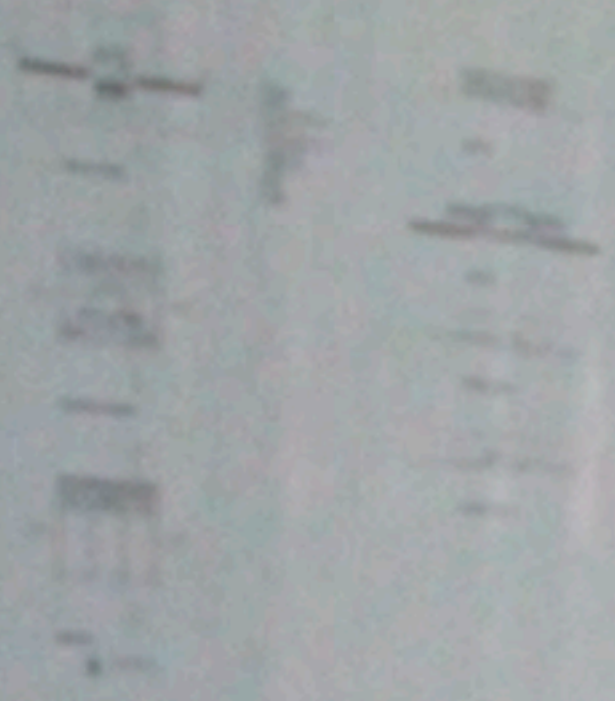
Através dos desenhos realizados, é possível inferir as percepções que o projeto arquitetônico estimula, expressas, neste caso, nas ressonâncias entre a clareza estrutural, formal e cromática da escola de Artigas e um grau elevado de abstração nos desenhos realizados pelos alunos, demonstrando sua compreensão a respeito dos elementos e características essenciais que compõem tal espaço. Talvez nesse sentido possa-se afirmar de fato o caráter formativo do espaço escolar, de modo a reiterar que as escolas constituem os verdadeiros equipamentos sociais da Escola Paulista, levando a cabo tal dimensão tão propagandeada pela arquitetura moderna.

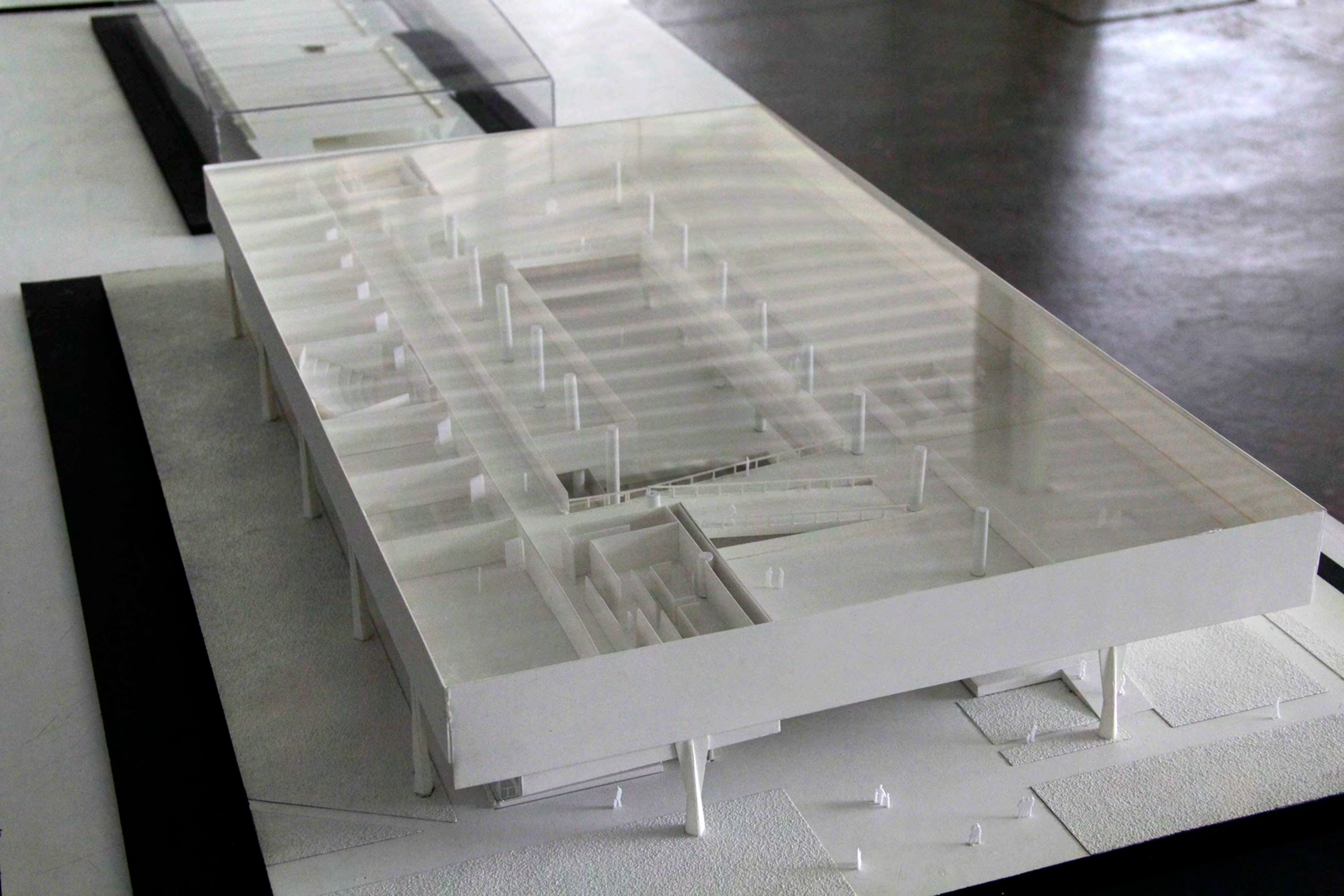


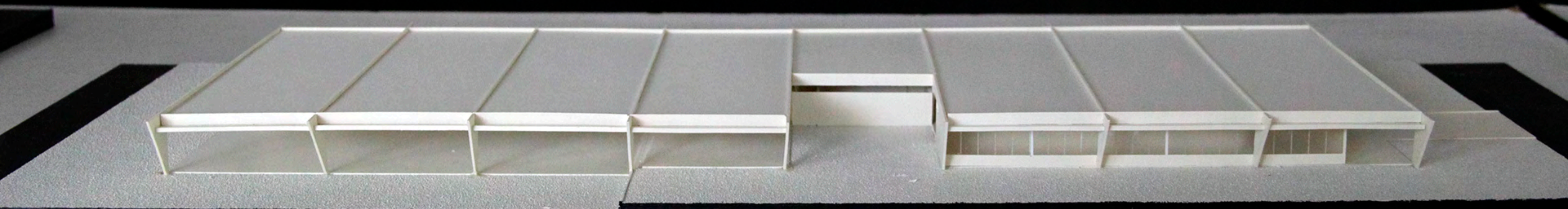
FÓRUM DE ARARAS
FABRIL PENTELADO, ARARAS - SP | 1999



FÓRUM DE ARARÁ
INSTITUTO DE RECYCLAGEM - 2010



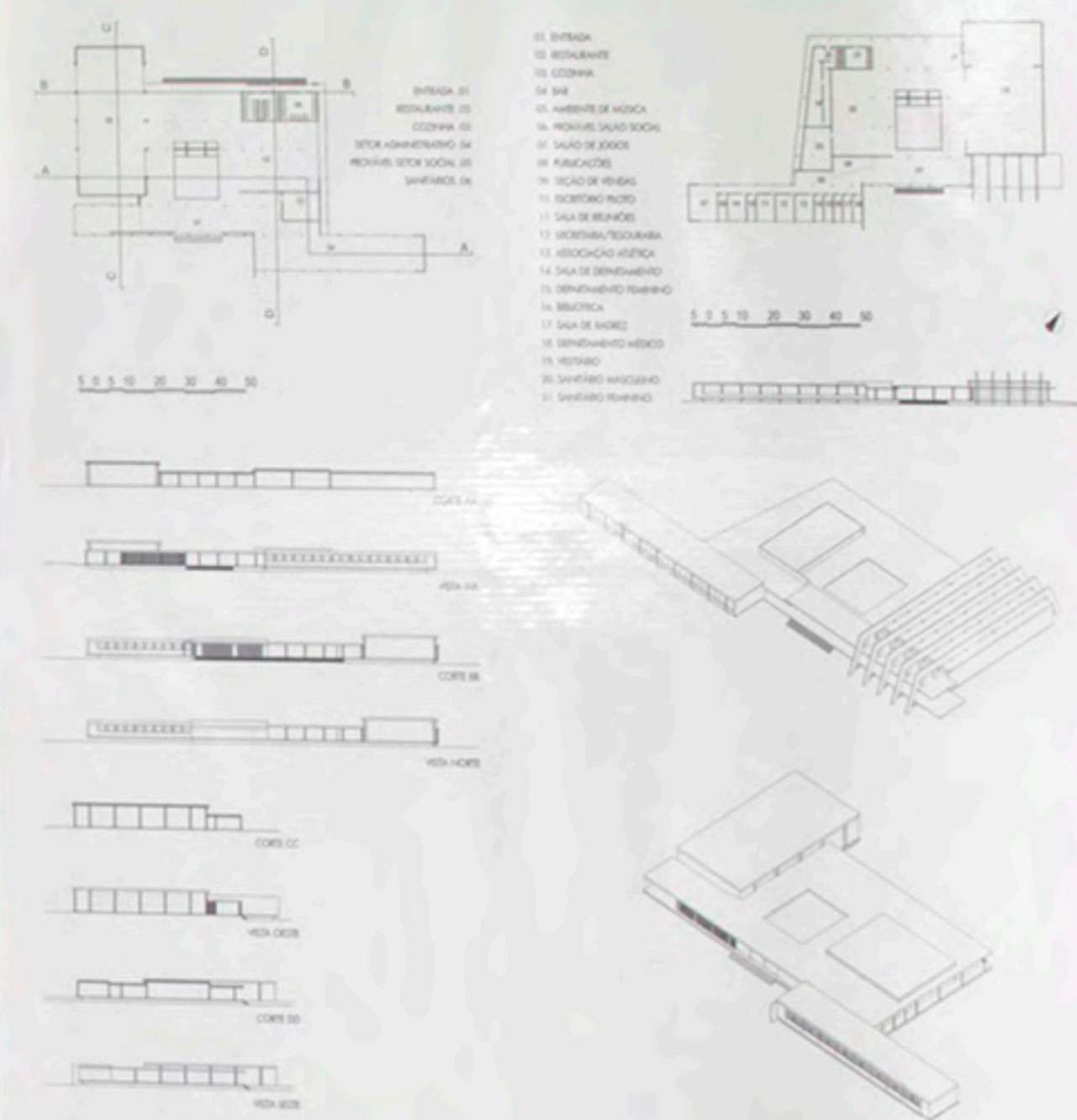




JOÃO VILHONA ARTIGAS E

O PAGE e a Universidade de São Paulo

CENTRO ACADÊMICO ARMANDO SALLES DE OLIVEIRA (CAASO)



O PAGE e a Universidade de São Paulo



Além de incrementar a implantação do CUASO, o PAGE também atuou nos campi da USP no interior. Em Ribeirão Preto vinculou à Faculdade de Medicina construiu os blocos de laboratórios, restaurante e casa de estudante e o edifício da Escola de Enfermagem. No campus de São Carlos implantou dois pavilhões da mecânica, o pavilhão social dos estudantes (CAASO) e os dois anfiteatros da EESC. O pavilhão social teve dois projetos, provavelmente elaborados pelo Escritório Técnico e demonstra a extensão da noção de Core para o campus de São Carlos. O prédio executado guarda alguma relação com esses projetos, mas conheceu outra formulação.

No âmbito acadêmico, ainda que não arquitetônico, vale registrar duas importantes ações do PAGE, criação da:

- UNICAMP em 1963, cuja implantação, entretanto, teve início a partir de 1964;
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Lei Orgânica 5.918, de 18.10.1960, implantada em 1962 (Decreto 40.132, de 23.05.1962).

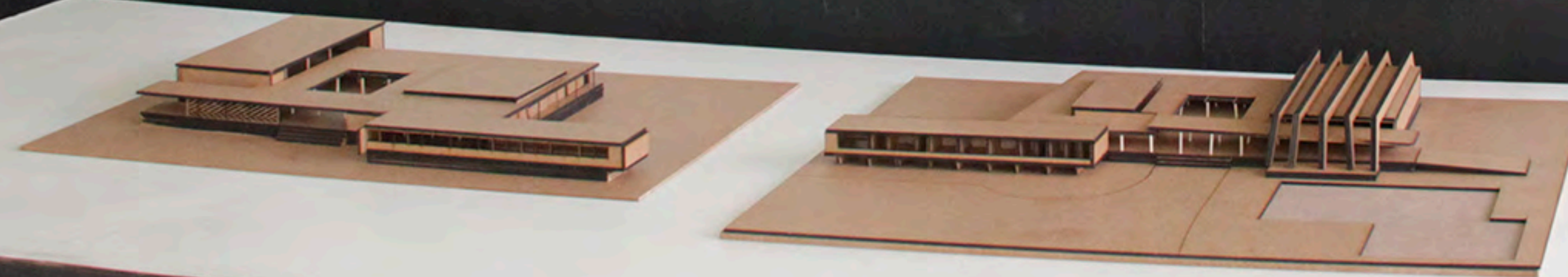


O PAGE e a Universidade de São Paulo

1941 a área no bairro destinada ao Campus de São Paulo somente uma ocupação. Mesmo com a criação da Comissão da Cidade da USP, poucos foram construídos até meados 1950.

Em 1956 o Replanejamento da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira" posto em 1956 pelo ar-Duarte deu novo alento à construção. O Replanejamento Core como principal emergência da vida acadêmica como referência as for-8º Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM localizou os três setores: humanidades, ciências biológicas. Com a Fundação de Construção da Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira - FCCUASO no âmbito do Escritório Técnico, criado em 1962, pôde dinamizar suas ações, viabilizando também a contratação de arquitetos externos ao serviço público. Investiu-se inicialmente na conclusão das obras em andamento e depois foram contratados dezenas de projetos, a saber, conforme a nomenclatura dos registros da época. O grande número de arquitetos contratados explicita a intenção de tornar a Cidade Universitária uma grande contribuição à cultura arquitetônica brasileira, como registrado no depoimento de Paulo Camargo e Almeida, diretor do FCCUASO, na Revista America Magazine:

Em reuniões semanais, com a presença do diretor da FAU Anhaia Mello, do reitor Ulihoa Cintra foi conseguida a unidade necessária ao planejamento, que transformará, estamos convictos, a cidade Universitária Armando Salles de Oliveira na maior demonstração da cultura arquitetônica dos tempos atuais, sem os formalismos e as lutas condenáveis que vimos percebendo e sentindo nas realizações da arquitetura mundial contemporânea. [America Magazine nº 2, 1962, s/p.]

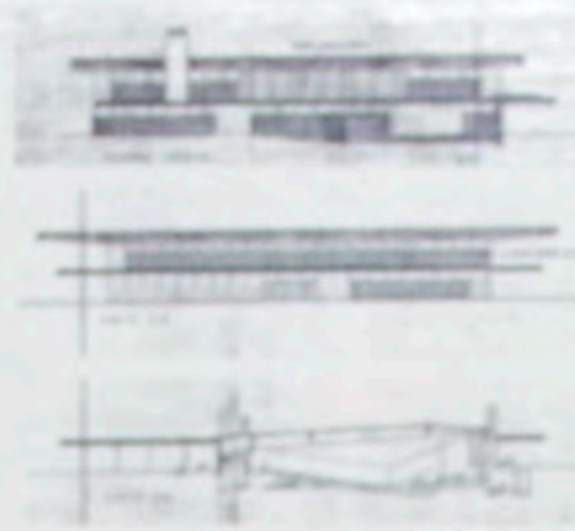




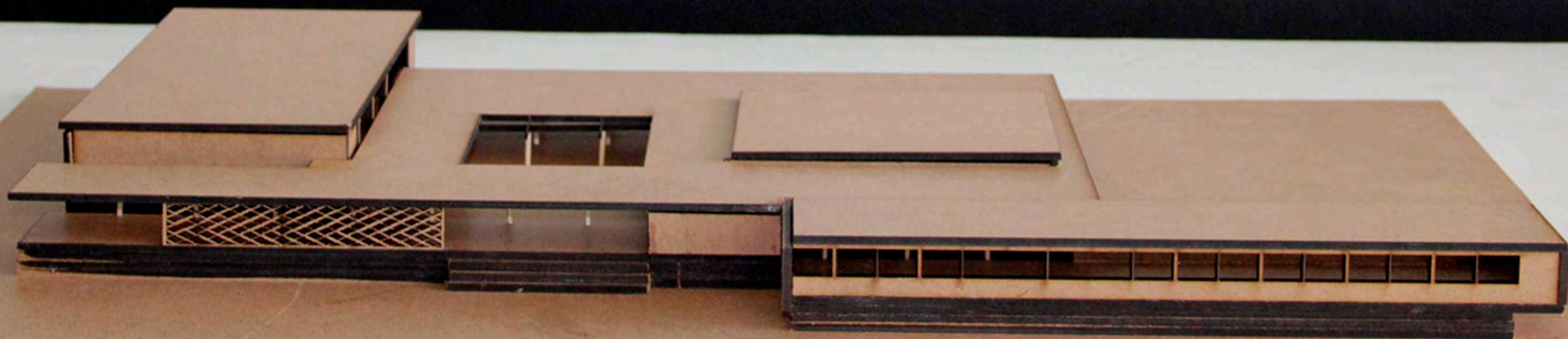
Departamento de Metalurgia/Escola Politécnica, Oswaldo Arthur Bratke



Centro Social (não construído), Rino Levi



No âmbito acadêmico, ainda que não arquitetônico, vale registrar duas importantes ações do PAGE, criação da:
- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - Lei Orgânica 5.918, de 18.10.1960, implantada em 1962 (Decreto 40.132, de 23.05.1962).



Inventário das Obras do Plano de Ação

Inventário de todo e qualquer patrimônio arquitetônico é o passo inicial para a tomada de consciência do significado de um conjunto de obras edificadas. As obras públicas possuem um histórico de preservação problemático. Poucas são objeto de interesse e de alguma iniciativa preservacionista. A imensa maioria, não possui o seu valor arquitetônico, ou qualquer valor, reconhecidos. São equipamentos em funcionamento, que expressam as mais variadas formas de apropriação através do uso cotidiano, marcado pela precariedade, pela falta de recursos, pela incompreensão da natureza arquitetônica da edificação por parte dos usuários e pela urgência do dia a dia.

A mesma situação ocorre com os edifícios do PAGE. Ao divulgar a pesquisa realizada, pretende-se possibilitar que as obras do Plano tenham visibilidade e, dessa maneira, fomentar publicamente a discussão sobre sua preservação.

IMPORTÂNCIA DO INVENTÁRIO - PROJETO ORIGINAL E SITUAÇÃO ATUAL PARA EFEITO DE AÇÕES DE PRESERVAÇÃO.



Projetos públicos - uso público

Para vários arquitetos modernos, os equipamentos públicos não incorporavam como deveriam a noção de uso e utilização universal. Discutindo sua atuação, tendo como base seu projeto do Fórum de Araras Fábio Penteadado em entrevista relatou:

Para o arquiteto o Fórum poderia ter outro entendimento:

O Fórum não é só Fórum de Justiça, ele tem lá o registro imobiliário, os cartórios, então a cidade nasce um filho vai registrar, morre alguém ele tem que fazer inventário. É um Fórum que não tivesse porta. A área era uma praça grande, tinha espaço. Então a ideia em princípio foi de usar um espaço onde chamaria de Fórum, ele gerava uma sombra na praça onde o cidadão aguardava na sombra. (PENTEADO, 2007)

O projeto concebido buscava aliar modernização com uma nova condição democrática para o país. O Fórum deveria ser um equipamento público, de uso público efetivo, sua relação com o espaço externo, tomado praça pelo projeto, devia ser de continuidade e não de restrição a praça adentrava no Fórum, como a vida ativa deveria faz-lo.

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
FAU USP - JOÃO VILANOVA ARTIGAS E CARLOS CASCALDI
SÃO PAULO - SP | 1968

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
USP - EDUARDO CORONA, SÃO PAULO - SP | 1961

EE PROFª JOÃO TEODORESCO
JOÃO VILANOVA ARTIGAS E CARLOS CASCALDI
ITANHAÉM - SP | 1968

EE MONSENHOR BICUDO
SALVADOR CANDAIA
MARILIA - SP | 1961

